PE. GERALDO LEITE BASTOS E O CANTO NO TRÍDUO PASCAL COMO AFIRMAÇÃO DA REFORMA LITÚRGICA

Vinícius Véras Cavalcanti Ribeiro[1]

Resumo

Pe. Geraldo Leite Bastos é fonte de inspiração no culto litúrgico pós-conciliar. Presbítero do clero de Olinda e Recife, Geraldo soube unir fé e vida, utilizando-se da seara litúrgica e dos meios da inculturação, valorizando a influência afro-brasileira da cultura nacional etc. Assim, o objetivo do artigo é abordar o seu serviço, do ponto de vista da participação litúrgica ativa e consciente do povo. O método é a pesquisa bibliográfica de estudos semelhantes já realizados e a análise de cantos do Tríduo Pascal. Assim, se compreenderá o seu ministério pastoral como uma afirmação da reforma litúrgica do Concílio Vaticano II.

Palavras-chave: Música. Celebração. Páscoa.

1 INTRODUÇÃO

Presbítero do clero da Arquidiocese de Olinda e Recife, o Pe. Geraldo Leite conseguiu condensar na experiência pastoral um composto de elementos necessários à afirmação da reforma litúrgica promovida pelo Concílio Vaticano II (1963-1965). Tendo sido ordenado em 1961, carregou no percurso formativo para o sacerdócio ministerial as provocações promovidas pelo Movimento Litúrgico, vivido como preparação às resoluções conciliares, e experimentou a diversidade das formas de celebrar o culto divino na Igreja do Brasil no pré e no pós-concílio, de modo que assim pôde sintetizar de tal maneira as vivências litúrgicas, que seu ministério ordenado não poderia resultar senão em uma experiência inculturada, próxima da realidade muito

[1] Graduado em Filosofia e Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco. Mestrando em Teologia pela mesma instituição. Presbítero da Diocese de Afogados da Ingazeira-PE. E-mail: peviniciusveras@gmail.com

específica da América Latina e do Brasil, e cheia de significado na celebração do mistério pascal de Cristo, também a partir da fé do povo mais simples.

É perceptível que as pessoas mais sensíveis transformam a vida em arte, mesmo se não há nada de sobrenatural que as motive. Com o Pe. Geraldo não foi diferente. Era ele sinal da renovação conciliar, obviamente por ser ministro da Igreja, mas não só, pois a espiritualidade do homem Geraldo transcendia o ofício e tocava o chão da vida do povo, como tocou o chão da Ponte dos Carvalhos, do Morro da Conceição e da Escada, onde aprendeu a rezar sem alienar-se do real, onde ensinou ao povo a trazer Deus para dentro de casa.

Um homem artístico como Pe. Geraldo transbordava o ministério no canto do povo de Deus, e foi na celebração do mistério central da fé cristã, a Páscoa, que talvez a genuinidade e a genialidade do padre artista ficaram mais visíveis. Daí brota uma herança que atravessará ainda, certamente, muitos séculos, como sinal da liturgia celebrada conforme a desejou o Concílio. Assim, o que se pretende afirmar neste artigo é que o Pe. Geraldo Leite, junto de outros nomes de sua diocese, de seu país e de seu tempo, foi intérprete da liturgia nova, unindo a cultura popular à inculturação daí derivada, mas principalmente dando espaço à musicalidade e à poesia populares, no interesse de sedimentar os costumes de uma celebração litúrgica que não fale só de Deus, mas que fale do nós que celebra ao Deus celebrado.

2 O CONTEXTO SOCIO-CULTURAL DO PE. GERALDO E A INCULTURAÇÃO

O volume três da coleção Vida e Liturgia na Igreja, do Centro Nacional de Pastoral Litúrgica, traduzido do francês e lançado pelas Edições CNBB sob o título: A arte de celebrar, traz a seguinte assertiva a respeito da Encarnação de Deus na história: "[...] Deus se manifesta não de modo imediato, mas sim utilizando a lógica das mediações humanas. O Verbo se fez carne: a Palavra de Deus tomou corpo em um povo e na sua história, por

seu Filho unigênito" (Centro Nacional de Pastoral Litúrgica, 2015, p. 20). Tal compreensão teológica sobre a encarnação é que iluminou o percurso da pastoral litúrgica do Pe. Geraldo Leite, desembocando na liturgia inculturada. Para adentrar, portanto, na seara da inculturação, vale observação de alguns dados de sua biografia, retirados da dissertação de mestrado do Fr. Joaquim Fonseca, que teve como título: Música Litúrgica e Inculturação: análise teológico-litúrgica da música litúrgico-sacramental no nordeste brasileiro, através de constâncias modais, verificadas no repertório do tríduo pascal do compositor Geraldo Leite Bastos.

Filho do casal Aloísio Tenório do Rego Bastos e Izabel Leite Bastos, Geraldo era de uma família natural da cidade de Moreno-PE, e, vindo daí, acompanhou de cedo a realidade canavieira da Zona da Mata pernambucana, certamente composta de desigualdades sociais várias. As datas mais importantes de sua história apontam, todas elas, para a vida de um místico; nascido em 12 de dezembro de 1934, dia em que se celebra a festa da padroeira principal da América Latina, a Bem-aventurada Virgem Maria de Guadalupe, Geraldo foi ordenado presbítero no dia 08 de dezembro de 1961, dia dedicado à solenidade da Bem-aventurada Virgem Maria da Conceição, padroeira do Morro da Conceição, onde desempenharia parte importante de seu ministério. Não podia ser diferente com a data de sua morte, num leito de hospital no domingo de Páscoa do ano de 1987. Sua vida breve, de 53 anos, foi de tempo suficiente para viver com entusiasmo a vocação ao presbiterato, embora, na infância e adolescência, por causa de sua aptidão em ciências exatas, seu pai o quisesse predispor à engenharia.

Quanto à sua formação religiosa, Geraldo a viveu nos seminários de Olinda-PE e Salvador-BA, onde demonstrava aptidão às artes e onde também sofreu obstáculos da parte de formadores, por não concordarem que pintura, escultura etc. fossem coisas de padre. De fato, ao observar testemunhos sobre o Pe. Geraldo, percebe-se que não era um homem afeito a padronizações, não acreditava num sacerdócio produzido como que em

série, mas manifestava liberdade e novidade em sua sensibilidade artístico-religiosa.

É daí que brotam, por exemplo, iniciativas como a identificação do povo da paróquia da Ponte dos Carvalhos como Nação do Divino. Foi a forma que Geraldo utilizou para identificar os paroquianos, mais do que como assistentes ou expectadores de uma Igreja distante, afirmando, ao contrário, que o povo de Deus deve reconhecer-se como nação, lugar de unidade, comunhão, participação e missão, lugar de sinodalidade. Dentro da Nação do Divino brotaram vivências da fé cristã real, inculturada, próxima e comunicativa. Exemplo disto é a chamada Comunidade de Belém, que era que o Conselho Pastoral Paroquial, o qual, por si só, era uma novidade da Igreja pós-conciliar, mas era também um formato diferente do que se adotaria posteriormente na formação de conselhos: a Comunidade de Belém era um grupo organizado pelas pessoas mais comprometidas com a vida da comunidade, que eram admitidas não como ajudantes de padre, mas companheiros de caminhada, comprometidos com a realidade eclesial e social. Eram os primeiros a tornar real o ideal de Igreja que o Pe. Geraldo entendera a partir do Concílio. Era também um grupo interrelacionamente comprometido, guiado por mandamentos:

1. Nós não estamos aqui para ser melhor que ninguém;
2. Nós não estamos aqui para combater ninguém;
3. Nós não estamos aqui para fazer mal a ninguém;
4. Nós estamos aqui para nos amar como irmãos;
5. Nós estamos aqui para servir (Fonseca, 2008, p.103)

Como depreende-se daí, a inculturação na "prática geraldiana" da pastoral paroquial não se dava somente no âmbito litúrgico, mas o tema adentrava outras esferas da vida, como é o caso desse conselho, que tinha uma prática espiritual unida à razão administrativa de ser, mostrando que na Igreja, povo de Deus, tudo deve encaminhar os crentes à experiência do mistério divino.

A *Sacrosanctum Concilium*, entre os números 37 e 40, demonstra que a necessidade da inculturação parte da multiplicidade da índole dos povos,

que são diversos e que podem todos ser introduzidos à fé. Coadunando-se a tal compreensão, diz José Aldazábal:

> [...] "inculturação" é o termo preferido para designar o processo mais profundo pelo qual a liturgia e a cultura se enriquecem, dinâmica e mutuamente, a liturgia evangeliza e fecunda as culturas, e, ao mesmo tempo, deixa-se enriquecer por elas, para exprimir e celebrar o Mistério de Cristo encarnado na mentalidade de um povo (Aldazábal, 2013, p. 178).

Se a inculturação é um processo inspirado na multiplicidade da índole dos povos, é também inspirado na Encarnação do Verbo. O Pe. Geraldo observou as exigências prévias para tal processo, quais sejam, segundo Aldazábal: "a eclesiologia, a natureza da ação litúrgica como obra de Deus e como comunicação do Mistério Pascal de Cristo, a primazia da Palavra e a identidade dos diversos sacramentos da Igreja" (Aldazábal, 2013, p. 178). Há ainda um outro aporte do mesmo autor que alarga a compreensão da inculturação na ótica "geraldiana"; relaciona-se com os campos onde inculturação deve acontecer de modo prioritário, são o campo "da linguagem, o canto e a música, os gestos e atitudes corporais, a arte etc.". Essa convicção fez Geraldo intuir que esses eram valores a serem preservados na *lex orandi* eclesial no seu meio mais simples, inclusive quando a ditadura militar do Brasil, dando espaço a intentos de dominação norte-americana no campo da linguagem, da música e da arte, punha em perigo a originalidade da cultural nacional, em larga escala, e, no âmbito religioso, das comunidades orantes.

Nas conferências do episcopado latino-americano e do Caribe, especialmente as de Puebla e Santo Domingo, o impulso à inculturação foi veemente. Afirma-se em Puebla, no nº 940, que o povo deve poder celebrar a fé com suas expressões culturais, tendo em vista uma sadia criatividade, sem deixar de lado a necessidade de adaptações celebrativas, acentuando a importância do espaço aos grupos étnicos etc. Também Santo Domingo, no nº 32, fala de uma evangelização que consiga penetrar nas raízes mais profundas da identidade dos povos latino-americanos.

Na liturgia e não somente ela, o Pe. Geraldo atendeu a tal apelo eclesial. Por isso mesmo, inclusive, não teve receio de frequentar terreiros denominados como de Xangô, a fim de beber ali da fonte festiva das celebrações originárias do povo negro. Afirma o Fr. Joaquim Fonseca a esse respeito:

> Para o pastor e liturgo GLB, a celebração litúrgica era sempre uma festa. Esta dimensão da liturgia, em boa parte ele a aprendeu com o povo. Sua sede insaciável de tornar a ação litúrgica numa autêntica festa, levou-o a lugares onde o povo de fato se esmera em preparar e realizar suas festas. GLB participou de muitos folguedos populares e frequentou terreiros de Xangô (Fonseca, 2008, p. 90).

É pela imersão popular do Pe. Geraldo, que é necessário concordar com Inos Biffi, quando afirma que os gestos rituais não têm vida e espaço autônomo, mas brotam inexoravelmente da dinâmica concreta da comunidade reunida, de quem o gesto ritual recebe alcance e sentido. "Em resumo: liturgia 'vale' – isto é, edifica, é eficiente – quando é a epifania de uma assembleia que crê e é comprometida" (Biffi, 2022, p. 39).

3 O CANTO DO POVO NO TRÍDUO PASCAL SOB A GUIA DO PE. GERALDO

Afirma a *Sacrosanctum Concilium* que "a Igreja não pretende impor a uniformidade litúrgica. [...] Interessa-lhe manter e incentivar as riquezas e os dons das diversas nações e povos" (Concílio Vaticano II, 2011, p. 28). Isto posto, propõe-se a observação e análise, esta não tão minuciosa como se poderia em outros formatos de produção, de duas composições de cantos litúrgicos para a celebração do Tríduo Pascal, de autoria do Pe. Geraldo Leite, na intenção de demonstrar os traços de inculturação e de originalidade espacio-temporal de tais criações. Levando em conta aquilo que afirma Ione Buyst, quando da elaboração conceitual a respeito das ações simbólicas na celebração dos tempos fortes da vida de um povo:

> O tempo histórico [...] é lugar da presença, revelação e intervenção de Deus. A liturgia incorpora a todo momento o sentido dos fatos novos, nos faz viver e interpretar os sinais dos tempos (cf. Mt 16,1-4; Lc 12,54-56) e a presença de um tempo

> maior, divino, sagrado, ilimitado, eterno [...] dentro de nosso tempo limitado (Buyst, 2001, p. 111).

Tendo em vista a intenção "geraldiana" de dar ao povo a possibilidade de cantar a fé, olha-se para o Tríduo Pascal como tempo proeminente, onde a vida cristã tem sua raiz de sentido, inclusive a partir das lutas e sofrimentos, alegrias e esperanças. Será apresentada aqui, primeiramente, a versão de Geraldo Leite para o salmo 66, utilizada como canto de abertura para o início do Tríduo Pacal, que ficou comumente conhecida como a música Ter Orgulho Não é Bom. No refrão, vê-se:

> Ter orgulho não é bom, mas nem por isto:
> Nos orgulhamos na Cruz de Jesus Cristo!
> Nele está a vida, e a ressurreição,
> Nele a esperança de libertação (Bastos, 2014).

A exortação a não ter orgulho é o que primeiro chama a atenção, mesmo a antífona da celebração da Ceia do Senhor, tendo sido adaptada em outras versões sem o cuidado de apontar esse detalhe que Geraldo distinguiu. Observa-se também a expressão coloquial ao final do primeiro verso da estrofe: "[...] mas nem por isto". Aí aplicada, ganha o sentido de que, embora o orgulho não seja bom para a vida humana, principalmente na dinâmica da comunidade, na Cruz se pode ter o orgulho, e aqui entende-se a palavra orgulho com o sentido de glória, confiança, esperança. Além disso, a ênfase na esperança de libertação, ao final do refrão, remete não somente à linha teológico-litúrgica da interpretação e da criação de Geraldo, mas sobretudo ao cuidado de que na boca do povo, a cruz que é por ele cantada jamais seja tão pesada quanto aquelas que são por ele carregadas.

Outro exemplo da arte e da mistagogia do Pe. Geraldo é a composição A Terra Tremeu, versão de Pe. Reginaldo Veloso para o salmo 76, à qual Geraldo deu a melodia, e, portanto, é obra de ambos. É um canto próprio para a apresentação das oferendas na vigília pascal. Diz o refrão: "A terra tremeu, a terra tremeu, tremeu e parou, parou e ouviu" (Bastos, 2014). Em ritmo de frevo, o refrão do canto evoca a proximidade cultural possível

entre uma verdade de fé e a realidade de quem a celebra. Para além desse dado, é necessário também observar como se torna acessível a compreensão da Páscoa de Cristo como um evento cósmico, que toca as realidades todas da criação (cf. Lc 23,44-45). Outrossim, na primeira estrofe do canto, é destacável o verso seguinte: "[...] destrói o escudo, a espada e a batalha" (Bastos, 2014). Tendo já proposto de forma simples a compreensão cósmica do evento pascal, não deixa de apontar para as consequências sociais da ressurreição, que, assumida pela comunidade, deve dispor-se a destruir instrumentos e disposições de guerra.

Esse acesso às verdades de fé na via da inculturação, além de ser necessidade formativa da pastoral litúrgica das comunidades, é, antes, um direito do povo de Deus, que é o sujeito celebrante da liturgia.

> O sujeito celebrante da liturgia é o Corpo Místico de Jesus Cristo, cabeça e membros (cf. SC, n.7). A Igreja a reunião daqueles que foram transformados pelo Batismo em membros deste Corpo Místico. Ela é o Corpo de Cristo, é a sua Esposa e o seu Sacramento (cf. LG, n.7-8). Por isso as ações litúrgicas não são obras de alguns privilegiados, mas de toda a Igreja (cf. SC, n. 26). Nessa dinâmica, sacerdócio ministerial e sacerdócio comum dos fiéis exigem-se e completam-se mutuamente (cf. LG, n. 10; PO, n. 5) pois ambos são expressões indistintas de uma Igreja povo sacerdotal (cf. 1Pd2,9) (Silva, 2024, p. 21).

Continua não sendo tarefa fácil lutar por uma comunhão eclesial que se entenda como um todo sacerdotal, real e profético, em detrimento de clericalismos vários, que tocam desde os leigos até os ministros ordenados. Não obstante, é observável que aqueles que acreditam em tal comunhão, fiéis ao Concílio Vaticano II, empregam nisso o percurso todo de sua vida de Igreja. Nas composições, percebe-se que o Pe. Geraldo tinha o ímpeto de ajudar a Igreja a chegar às camadas mais simples e pobres, tendo aí empregado seu trabalho pastoral e artístico, viveu o que expressa Goffredo Boselli, quando une liturgia e amor pelos pobres:

> Se o amor pelos pobres é liturgia, cada Igreja local, hoje muito mais que ontem, é chamada a vigiar, a fim de que sua liturgia permaneça fiel ao espírito da reforma litúrgica do Vaticano II, que procurou atuar, nas formas e no estilo, a vontade expressa

> pelo Concílio na constituição sobre a liturgia: "Os ritos resplandeçam por sua sobre simplicidade" (SC, n. 34). Não nos deixemos, portanto, arrastar pelo engano de quem mostra nostalgia de um estilo litúrgico que manifesta opulência, luxo e ostentação, na vã ilusão de serem estas as únicas formas capazes de manifestar sacralidade e narrar o esplendor de Deus.
> No *Discours de la nature et des effets du luxe* (Discurso sobre a natureza e os efeitos do luxo), um autor do século XVIII escreveu: 'O luxo é pródigo, mas sempre para ostentar, jamais para dar (Boselli, 2017, p. 173).

A partir do próprio estilo de vida, foi válido o esforço do Pe. Geraldo Leite Bastos para cumprir as intenções do Concílio, pois há também relatos de como viveu pobremente. Pelos múltiplos talentos que trazia, poderia ter enveredado por um caminho distante de camadas pobres da sociedade e da Igreja.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que é cabível o retorno à vida e à obra do Pe. Geraldo, tendo em vista o caminho adotado pelo Concílio Vaticano II, que contemplou no retorno às fontes uma via válida para alcançar mais concreta fidelidade no seguimento de Jesus. É possível voltar à vida dos homens e mulheres que levaram isso a sério na América Latina e no Brasil, espaços ainda necessitados de constante renovação.

A "prática geraldiana" lança luz sobre o serviço presbíteros e demais ministros, por apontar para Jesus de Nazaré com a inteireza de sua vida. Interpenetrando toda a sua obra, o amor à genuinidade do evangelho deu ao padre as condições epistemológicas, eclesiológicas, litúrgicas e sociais de empregar a própria vida numa causa que valesse a pena.

REFERÊNCIAS

A SEMANA Santa na Nação do Divino (I): Domingo de Ramos e da Paixão do Senhor. *Nação do Divino*. 25/03/2015. Disponível em:

https://nacaododivino.blogspotcom/2015/03/a-semana-santa-na-nacao-do-divino-i.html?m=1. Acesso em 24/08/2025.

A SEMANA Santa na Nação do Divino (II): Quinta-Feira Santa – Páscoa da Ceia do Senhor. *Nação do Divino*. 31/03/2015. Disponível em: https://nacaododivino.blogspotcom/2015/03/a-semana-santa-na-nacao-do-divino-ii.html. Acesso em 24/08/2025.

A SEMANA Santa na Nação do Divino (III): Sexta-feira Santa da Paixão do Senhor. *Nação do Divino*. 16/03/2016. Disponível em: https://nacaododivino.blogspotcom/2016/03/a-semana-santa-na-nacao-do-divino-iii.html. Acesso em 24/08/2025.

A SEMANA Santa na Nação do Divino (IV): Vigília Pascal. *Nação do Divino*. 07/04/2017. Disponível em: https://nacaododivino.blogspotcom/2017/04/a-semana-santa-na-nacao-do-divino-iv.html?m=1. Acesso em 24/08/2025.

ALDAZÁBAL, José. *Vocabulário básico de liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2013. (Coleção Fonte Viva).

BIFFI, Inos. *Liturgia, sacramentos, festas*. Petrópolis: Vozes, 2022.

BOSELLI, Goffredo. *O sentido espiritual da liturgia*. Brasília: CNBB, 2017. (Coleção Vida e Liturgia da Igreja, v. 1)

BUYST, Ione. *Celebrar com símbolos*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2002.

CENTRO NACIONAL DE PASTORAL LITÚRGICA (França). *A arte de celebrar*: guia pastoral. Brasília: CNBB, 2015. (Coleção Vida e Liturgia da Igreja, v. 3)

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Sacrosanctum Concilium sobre a sagrada liturgia*. 11ª ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

COSTA, Luís Ribeiro da. *Inculturação Litúrgica do Sagrado nos vitrais do padre Geraldo Leite Bastos*. Luís Ribeiro da Costa, 2023. Universidade Católica de Pernambuco, Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião, 2023. Disponível em: https://tede2.unicap.br/items/196832d2-fd4e-40ec-b820-e004f008a55b/full. Acesso em 25/08/2026.

FERREIRA, Eurivalo Silva. *Ofício Divino das Comunidades*: um elemento inculturado da oração da Igreja pós-conciliar. Conselho Nacional do Laicato do Brasil, 06/06/2020. Disponível em: https://cnlb.org.br/oficio-divino-das-

comunidades-um-elemento-inculturado-da-oracao-da-igreja-pos-conciliar. Acesso em 24/08/2026.

GOMES, Dimison Cesar Vieira. *A expressão do canto do padre e compositor Geraldo Leite Bastos e os aspectos da sua atuação no município de Escada* - PE. Dimison Cesar Vieira Gomes. Recife, 2023. 211 p. Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Música, 2023. Disponível em: https://attena.ufpe.br/handle/123456789/55234. Acesso em: 10/09/2026.

SILVA, Jerônimo Pereira. *A liturgia*: cume e fonte da vida da Igreja. Brasília: CNBB, 2025. (Coleção Vida e Liturgia da Igreja, v. 8)

SOUZA, Joaquim Fonseca de. *Música litúrgica e inculturação*: Análise teológico-litúrgica da música litúrgica inculturada no Nordeste Brasileiro através de constâncias modais, verificadas no repertório litúrgico do tríduo pascal do compositor Geraldo Leite Bastos. Joaquim Fonseca de Souza. São Paulo, 2008. Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção. Disponível em: https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-43978/musica-liturgica-e-inculturacao. Acesso em 24/08/2026